

ROBERTA NUNES

CANTOS INSURGENTES



AMOSTRA

A todas as famílias que foram perpassadas no corpo, na mente e na alma
pela dor da tortura, do extermínio e do desaparecimento.

“Responde prontamente às perguntas formuladas. Lúcida e coerente. Psicomotricidade aumentada. Inquietação motora. Linguagem e curso de pensamento normais. Paciente orientada no tempo e no espaço. Humor adequado. Memória, inteligência e julgamento normais. Atenção adequada. Bom rapport” (Primeiro laudo, 1978).

[...]

“Não apresenta condições de gerir sua pessoa, devendo permanecer sob os cuidados de terceiros e o amparo da lei. Outrossim, não apresenta condições de retornar ao convívio social devido à sua periculosidade” (Décimo laudo, 2006).

AMOSTRA

1.

O debate dos palestrantes tornou-se repetitivo e, para não ser deselegante, Tales procurou focar a atenção da plateia. Quem o observasse de longe diria que seu semblante sério e pensativo era consequência da análise das inúmeras fotos que compunham a apresentação sobre a situação degradante e desumana dos presos manicomialis, exibidas a cada novo slide.

Vez ou outra Tales anotava algo em um caderninho, mas, na verdade, sua atenção estava voltada para a elegante senhora, de olhar enigmático, que se sentara na última fileira do auditório. Ao que parecia, os olhos azuis, cansados pelas mais de sete décadas, estavam a lhe pregar peças.

As idas e vindas de sua mente ao passado eram cada vez mais frequentes, e mesmo com todo o treinamento que tivera, ele se via, por mais vezes do que gostaria, caminhando por linhas tênues que o confundiam. Às vezes era difícil discernir se o que relembrava era o que fora, o que era ou o que ele gostaria que tivesse sido. Esquecia-se com frequência de nomes e rostos recentes, mas o que lhe povoara o passado parecia ganhar novas cores no carrossel de suas lembranças confusas.

Tales quase recusou o convite para participar daquele evento; já havia decidido enfrentar sozinho a malfadada herança paterna. Não queria mais aparecer em público. Às vezes, o vagar de sua mente o fazia transitar por terrenos incertos e isso o deixava inseguro, sem contar a irritação que os olhares piedosos lhe causavam. Mas contrariar Teresa não era tarefa

fácil, então ele resolveu sair de casa uma vez mais, achando que a vida já havia esgotado as surpresas, ledor engano.

Olhando mais uma vez para o fundo do auditório, ele se deteve na senhora, com a cor atípica de cabelos que sempre o fascinou. O curioso era que continuassem os mesmos, mas, rindo sozinho, pensou: não eram as mulheres mestras em enganar o tempo?

Mesmo de longe, ele podia sentir aquele olhar sobre si. Não, não estava alucinando. Lembrava-se com clareza da única vez em que alucinara, quando a malária quase o levara, nada parecido com o agora. Engraçado ter lembrado da febre, sentença de morte para muitos, mas, ironicamente, para ele, fora um esconderijo oportuno, poupando-o do estigma da subversão. No fim das contas, sobrevivera à doença, livrara-se da mão de chumbo da ditadura, mas não de certos remorsos.

Uma nostalgia o invadiu ao se lembrar dos olhos esverdeados que compartilharam tantas coisas no passado. Teria ela, na medida do possível, tido uma vida tranquila? Só agora ele percebeu que as cicatrizes na alma, fechadas por ajustes superficiais, eram frágeis e podiam abrir-se ao menor estímulo. O saudosismo do que não vivera despertou emoções ocultas com tanto esforço.

Sempre que sua consciência o interpelava, Tales dizia a si mesmo que escolhera o momento exato para sair de cena e descer para sempre a lona do palco do personagem secreto que povoou sua juventude. Se absolvía com a constatação de que optara por outras formas de tentar melhorar o mundo e de que a transmutação do revolucionário ativista para o revolucionário intelectual não fora covardia, mas sim um impulso de sobrevivência.

Ele, mais do que ninguém, sabia que medos e traumas podiam ser trazidos à tona num estalar de dedos, mas, com o passar dos anos, as histórias dos bastidores sombrios de sua juventude foram ficando esquecidas num canto profundo da mente. Tudo se esmaçara no não dizer de certos nomes ou no desaparecer dos protagonistas ocultos de tantos episódios que os livros nunca tiveram coragem de contar...

A mente, mesmo treinada pelos anos de prática psiquiátrica, agora tinha dificuldade em ancorar-se no presente. Sentado ali, à mesa de

honra da polêmica discussão sobre o encerramento das atividades dos manicômios judiciais, Tales voltara-se para o slide paralisado na tela. Seriam aquelas imagens as responsáveis por trazer à tona o que ele trancara a sete chaves em sua caixa de Pandora? Ou fora a visão dela, a lhe olhar, que o fez lembrar-se dos dias em que fora o responsável noturno de um manicômio judicial?

Sua atenção passou a se dividir entre os slides apresentados e os cabelos acobreados, mas, num piscar de olhos, a cadeira no fundo do auditório ficou vazia; ela evaporou mais uma vez.

O auditório, antes silencioso, fora tomado por uma miscelânea de perguntas e questionamentos. Tales aborrecido, se perguntava quantos ali tinham a real noção das lutas, dos ideais, das vitórias e fracassos que compunham o mosaico da luta antimanicomial brasileira iniciada décadas atrás.

Em seu íntimo, ele apostava que poucos naquele auditório sabiam da real profundidade daquela discussão. Não se tratava simplesmente do fechar das portas dos manicômios judiciais. A questão era bem mais complexa. Será que eles pensaram naqueles que já estavam encarcerados há tantos anos que já não tinham qualquer conexão com a vida em sociedade? Como pensavam em reintegrar quem já se desintegrara há tanto tempo?

Sua mente continuou a vagar pelo passado. Os rostos dos alunos curiosos se misturavam aos relances dos rostos inocentes, vítimas de um tempo em que o diagnóstico da loucura era um dos poucos meios de se salvar de um mal maior. Surpreendera-se por lembrar de tantos. Alguns mortos eram insistentes...

Grande parte das falas dos espectadores do auditório era de indignação diante da degradação física dos presos, como mostram as fotos. O clamor voltara-se para a exigência do fechamento imediato das instituições. Teriam eles percebido o viés perigoso do não discutir as condições desse retorno à sociedade? Será que alguns daqueles que ali estavam, inclusive os que se diziam intelectuais, teriam a coragem de abraçar Foucault e adentrar no labirinto das questões que permeiam o crime e a psiquiatria?

Tales duvidava. Aliás, já fazia um certo tempo que ele perdera a esperança na geração que hoje conduzia o mundo.

O palestrante iniciou a apresentação do caso de uma mulher encarcerada há mais de quatro décadas num manicômio judiciário. A única presa no país confinada há tanto tempo. O artigo científico, publicado em 2016, parecia ser a última notícia que se tinha dela. Por questões éticas, o palestrante lhe dera a alcunha de “Toinha”.

Tales pensou consigo mesmo se o anonimato daquela mulher não seria mais uma forma de violência. A quem servia mais o sufocar da existência de alguém que não tivera a chance de escrever a própria história? Eles a chamaram de Toinha, mas ele sabia seu nome; era Zefinha...

As imagens mostravam um recorte temporal da presa. De um lado, a foto de uma moça jovem, no auge dos 20 anos, de feições delicadas, cabelos loiros cortados rente à orelha e olhar assustado. Do outro lado, a idosa, vestida com um uniforme azul, olhava para uma garrafa de Coca-Cola, com um sorriso inocente e vazio.

Tales anotou em seu caderno: Estaria viva? Para onde a levaram? O que fazer?

O olhar perdido nas fotos seguintes confirmava que, há muito, o cordão com o mundo rompera-se para Zefinha. Naquele caso, o tempo mudara o pêndulo da justiça; agora, restava àquela mulher tão somente o desamparo. Tales, conhecedor de parte daquela história, sabia que a sentença que recaía sobre aquela mulher superara a morte em crueldade...

Zefinha, agora velha e solitária, um dia tivera o azar de se tornar um incômodo para alguém. Passadas quase quatro décadas, ela se transformara num incômodo para o sistema penitenciário, que não mais a poderia encarcerar, mas tampouco se sabia para onde enviá-la, por conta do completo abandono. Já não importava mais a alcunha de “louca”. A velhice, por si só, reduziria a “periculosidade”. Zefinha agora integrava o rol dos abandonados, mas talvez tivesse tido sorte, por pouco não engrossou as fileiras do rol dos desaparecidos...

Tales lembrou-se quando Padre Jairo lhe enviou a cópia do primeiro laudo psiquiátrico de Zefinha. Nem de longe havia indícios de

transtornos psiquiátricos. Na época, ele optou por não interceder; eram tempos sombrios, quando, corriqueiramente, a Repressão usava o diagnóstico de loucura como artimanha eficaz para calar vozes incômodas.

Após dois anos na prisão comum, estranhamente Zefinha fora trancafiada no manicômio. À época, quando as prisões institucionalizadas evitavam desaparecimentos, Tales achou que seria mais seguro não mexer no caso, pois a moça seria logo libertada. A verdade é que ele jamais imaginou que tudo aquilo viraria uma armadilha cruel capaz de manter a moça ingênua à parte do mundo por toda a sua existência. Zefinha, agora viva ou morta, o assombrava...

Fez uma nova anotação: ainda daria tempo?

Tales lembrou-se do tempo em que a mão do Estado, por razões além das terapêuticas, encarcerava aqueles que ameaçavam seus espaços de poder.

Os subversivos eram perigosos, assim disse o Regime!

Eles, os usurpadores do poder, sabiam que a prisão comum jamais poderia ser perpétua; então, quando não se valiam da artimanha do desaparecimento, providenciavam um cárcere mais cruel e indefinido para aqueles que ousassem contestar seus absurdos: a loucura.

Ele se recordava de como a subjetividade do estigma da periculosidade dos subversivos calara várias vozes e colocara outras tantas à deriva na Nau dos loucos. A crueldade selara o destino daqueles que se insurgiram contra a infame mácula da democracia. Tales se perguntava agora quantos daquela época compunham o censo carcerário manicomial apresentado no último slide.

O presente o chamou de volta. Era preciso encerrar as discussões do dia. Pensou, com tristeza, que não vira em nenhum daqueles rostos juvenis a chama que impulsionara o estudante de medicina que ele um dia fora, cheio de ideais revolucionários, e que, desde cedo, tivera a consciência de que não se faz saúde sem considerar o contexto social, histórico, cultural, político e econômico de um povo.

Um turbilhão de lembranças lhe aflorou na mente. A época dos teatros sanitários, precursores da educação em saúde. Padre Jairo, com

sua comunidade ribeirinha do Morro da Gia, e o desafio de tratar as crianças com o buxo grande de vermes. As moças do cabaré da Nieta que, apesar de sua pouca instrução, aprenderam as músicas educativas e, com isso, adotaram e repassaram os cuidados preventivos para evitar doenças sexualmente transmissíveis. Ele pensou, com orgulho, que a safra maravilhosa fora aquela que floresceu na década de 1970! Eram todos tão jovens, tão destemidos, sonhadores com um mundo em que as desigualdades pudessem ser reduzidas.

Uma mão no ombro o tirou de suas divagações saudosistas num convite simpático para o jantar que encerraria o evento. No grande salão organizado para o jantar, o burburinho de vozes impossibilitava qualquer diálogo. Ele não iria arriscar-se a transitar entre tantos rostos desconhecidos. A bengala elegante não lhe dava tanta segurança assim. As mãos trêmulas o faziam relutar diante da fila do buffet. A fome lhe trazia a triste realidade da dependência. Envelhecer com lucidez, pensou ele, significava aceitar que, aos poucos, se perderia a gerência da vida.

Tales procurou de relance a figura que vira mais cedo, mas ali, naquele aglomerado de gente, seria impossível identificá-la. Quase meio século se passou. Será que era realmente ela? E se fosse, depois de tudo o que se passou, por que ela viria falar com ele?

Uma turma de alunos aglomerou-se ao seu redor. Entre risos, discutiam assuntos triviais e faziam planos para a noite, que prometia se estender para além do evento. Dissipou-se por completo qualquer preocupação ou incômodo com a situação degradante das vidas expostas recentemente na apresentação.

C'est la vie, pensa Tales. A raça humana era mesmo peculiar. Mas quem poderia dizer que estavam de todo errado? Não fora ele, que tal qual Teseu, saíra do labirinto sem olhar para trás? Não era isso parte da engrenagem da mente, uma das principais válvulas do instinto de sobrevivência, que faz com que a dor caia no esquecimento, possibilitando, assim, seguir em frente? Ele conseguiu. Mas quantos, por olharem demais para o abismo, não sucumbiram por não conseguirem fugir às armadilhas da memória? Inevitavelmente, Tales se lembrou de Pedro, seu maior fracasso como médico e como ser humano...

Atrás de si, os jovens combinavam o fim da noite. Um dos rapazes, querendo ser engraçado, comentou entre risos:

— Hoje estou igual àquela música: “...caminhando contra o vento sem lenço e sem documento...”

O contexto em que se inseriu a menção ao refrão da música de Caetano despertou em Tales a indignação do jovem revolucionário que um dia fora. Era triste ver a música que teve tantos significados para a sua geração ser distorcida daquela forma.

Tales teve vontade de retrucar, de explicar àqueles jovens os significados subliminares nas estrofes. Mas como fazê-los entender a essência do movimento artístico e insurgente daquela época? Como explicar que as lutas travadas por Caetano, Betânia, Belchior, Chico Buarque, Gil, Milton, Vandrê, Elis, Gonzaguinha e outros tantos foram para muito além da arte?

A mente de Tales, instigada pelos gatilhos recém-disparados, buscava na memória as emoções conflituosas da era de chumbo. Sim, a música daqueles tempos transcendera sua missão de entretenimento, transformara-se na voz da insurgência contra toda a opressão que mergulhava o país nas trevas.

O burburinho das múltiplas vozes que enchiam o grande salão o incomodava. Sair dali seria um alento. Discretamente, Tales seguiu o rumo da saída enquanto se lembrava dos tempos sombrios quando a crueldade superava todos os limites e a barbárie imperava. Naquela época, quando tudo era medo e sombras, quando a prática do desaparecimento se tornou rotina e as vozes eram caladas pelas formas mais atrozes, a música não fora só um bálsamo, fora um farol em meio a uma tempestade que durou mais de duas décadas.

Afastando-se da aglomeração, Tales confabulava consigo mesmo, torcendo para que nenhuma das gerações futuras voltasse a sentir a desolação do moço retratado em Alegria, Alegria. O contrário disso seria uma nova derrota da democracia. Porém, lhe incomodou perceber que o silêncio velado das histórias não contadas se transformou numa artimanha eficaz para apagar as atrocidades do passado.

Na verdade, sua preocupação tinha raízes mais profundas. Há muito ele vinha analisando, sob os aspectos sociológicos e psiquiátricos, os movimentos que pediam o retorno da ditadura. Em suas conjecturas, Tales chegou à conclusão de que as raízes do mal não haviam sido de todo extirpadas e, por isso, voltavam a brotar. Sua percepção aguçada já havia identificado, nas entrelinhas de certos discursos, as teias que voltavam a ser tecidas.

Os fascistas, historicamente, sempre tiveram como prática instigar a turba, que sempre os segue, sem o exercício da dialética. O temeroso é que os que agora se uniam a certos discursos jamais ouviram falar de “pau de arara”, de “geladeira” ou da “pimentinha. No desvario, conclamavam, mais uma vez, o ressurgimento do inferno, sem ter a menor noção de que, quando os demônios se soltam, não poupam ninguém...

Caminhando devagar pelo belo piso de mármore negro cortado por linhas transversais douradas, Tales admirava as inúmeras obras de arte espalhadas pelos corredores do hotel enquanto sua mente vagava. Ele sabia que abria uma porta para um terreno perigoso. O jovem idealista, recém-desperto em sua mente, lhe sussurrava que havia coisas que não se podia levar ao túmulo. O velho médico lhe relembrava da prudência necessária em razão das limitações da idade.

Tales se permitiu passear, sem rumo certo, pelos vários ambientes do luxuoso hotel. Se distraía observando os tantos semblantes desconhecidos que cruzavam seu caminho, tentando adivinhar seus medos, seus vícios, seus prazeres. Era fascinante saber que cada uma daquelas pessoas guardava histórias que talvez nunca seriam reveladas aos seus. Lembrou-se de que ele próprio ocultara uma parte de sua história...

O peso da idade emitiu o alerta; andou demais. Os olhos azuis procuraram uma poltrona vaga, longe das tantas conversas paralelas, mas o ouvido apurado captou a melodia de uma velha canção. A música o atraía e, por um momento, as velhas pernas ganharam novo vigor. Quando se deu conta, estava entrando num lobby reservado. Os olhos demoraram a se acostumar à penumbra que abrigava mesas redondas de mogno e largas poltronas que acomodavam os poucos clientes.

Numa das pontas do espaço em meia-lua, Tales vira o perfil conhecido, emoldurado pelos peculiares cabelos amendoados. Sentada em uma das mesas, com o queixo apoiado entre as mãos, uma Clarice já idosa ouvia a música com um olhar vago. Mesmo depois de tanto tempo, ali à meia-luz, ela parecia uma pintura.

Sentou-se na mesa ao lado; não ousaria ir falar com ela. Que fosse como antes. Caberia a ela decidir quando e como. Na outra ponta, envolvido num êxtase solitário, o pianista dedilhava Édith Piaf. Tales observou que os lábios de Clarice murmuravam a letra da música:

Non, rien de rien
Non, je ne regrette rien
Ni le bien qu'on m'a fait
Ni le mal

Um turbilhão de emoções tomou conta dele. A lembrança das madrugadas com os pacientes no pátio do manicômio surgira de forma arrebatadora. Era irônico pensar que passou mais da metade da vida tentando sufocar essas lembranças e que agora lhe angustiava a possibilidade de perdê-las para sempre. Sorriu pensando que se houvesse uma máquina do tempo, ela teria que conter, obrigatoriamente, cheiros e músicas...

Ele, que há tempos não acreditava mais em destino, via-se agora gostando de pensar que o universo talvez lhe estivesse dando uma última chance para se redimir. Só por aquela noite, ele se permitiria trilhar, mais uma vez, os caminhos que abandonara há muito tempo. Devia isso ao idealista que ele sufocara. Devia isso à Clarice e, principalmente, a todos que se sentaram nas madrugadas no pátio do manicômio.

Tirou o celular do bolso e enviou uma mensagem para a esposa informando que iria para o quarto dormir. Teresa não estranharia, afinal, como ela mesma brincava, ele tinha o costume de dormir com as galinhas. Enquanto o garçom anotava o pedido, Tales rabiscou algo no guardanapo e entregou ao rapaz educado.

2.

O pianista lera o bilhete com um sorriso. Virando-se para Tales, balançou a cabeça num gesto de aprovação. Quando soaram os primeiros acordes da música, tocada em Dó maior, o coração de Clarice disparou.

Enquanto os dedos enrugados dedilhavam as notas na mesa, ela pensava... O corpo envelhece; as emoções, nunca...

Não quero lhe falar meu grande amor

Das coisas que aprendi nos discos

Quero lhe contar como eu vivi

E tudo o que aconteceu comigo...

Clarice percebeu que os cabelos de fios dourados, que antes desciam até os ombros, haviam dado lugar a fios prateados perfeitamente organizados em um corte ao estilo romano. A pele acobreada, agora opaca pela falta de sol, ainda contrastava com os olhos azuis que, escondidos por trás dos óculos, já não tinham o mesmo brilho, mas continuavam gentis. As feições afiladas, ressaltadas pelo rosto barbeado, as mãos finas, o corpo esguio. Assim como ela, ele tinha se desgastado com o tempo, mas em sua memória permanecia vívida a imagem do rapaz que fora...

De olhos fechados para conter as lágrimas, Clarice se permitira passear pelas lembranças da primeira vez que o vira, quando ele a tirara da fila de espera que se formava no muro do manicômio judiciário e a colocara para dentro em meio aos gritos e xingamentos de protesto dos poucos familiares que se dispunham a visitar aquele lugar terrível.

Em todos os seus anos de vida nunca conhecera alguém como Tales. Enquanto ela se sentira incomodada com os protestos, ele, tranquilo, atravessara o pátio do Stênio Gomes, conduzindo-a pelo braço como se fosse um passeio de domingo. Naquele instante, se sentira protegida como não se sentia há muito tempo. Pensara em seu coração que aquele jovem médico não se dobraria a nada, mas o tempo iria lhe mostrar que não seria sempre assim...

Mesmo depois de tantos anos, Clarice ainda se lembrava da primeira vez que entrara na sala por trás da porta de madeira verde. Não havia

luxos nem janelas. Uma mesa, igual às muitas que se via nas repartições públicas, ficava no centro da sala onde, além da cadeira do médico, havia duas outras. A única coisa que decorava a parede central era uma estante com vários livros de medicina. Na época, estranhara o fato de não haver muitas coisas na sala, mas, tempos depois, Tales lhe explicara que era para não dar aos doentes instrumentos que pudessem se transformar em armas.

Entre o consultório e o banheiro havia um pequeno cômodo onde uma cama estreita, um ventilador e uma mesinha de apoio eram o único conforto das noites de plantão. Na mesa de apoio, um porta-retrato de madeira mostrava Tales com os pais e as irmãs. Clarice lembrou-se da sensação de alívio que tivera ao não ver aliança no dedo do rapaz nem qualquer vestígio de compromisso com outra moça.

A recordação do pequeno cômodo, que por muitas vezes se tornara seu refúgio, fizera com que uma lágrima traiçoeira manchasse o papel à sua frente. Como desejara odiá-lo para sempre. Mas agora, quando apenas o espaço de uma mesa os separava, ela sabia que jamais conseguira odiá-lo; Tales tinha o dom de despertar o que havia de melhor nas pessoas.

O pouco tempo em que suas vidas haviam se entrelaçado fora o suficiente para deixar marcas profundas em Clarice. Há anos havia jurado que ele não a veria nunca mais, porém, os acontecimentos recentes, que despertaram instintos que ela achava ter se perdido no passado, trouxeram a necessidade de um último encontro. Retirou da bolsa o recorte de uma notícia.

O ex-agente infiltrado da ditadura José Anselmo dos Santos, conhecido como cabo Anselmo, morreu na noite de terça-feira (15), aos 81 anos. A informação foi confirmada ao G1 por um ex-advogado dele nesta quarta-feira (16).

Enquanto escrevia no guardanapo à sua frente e enrolava o recorte da notícia, não pôde deixar de pensar que o presente nunca dá a possibilidade de avaliar as coisas por completo; só o passado tem o condão de mostrar a teia intrincada que o destino às vezes se dá ao trabalho de tecer...